

PARA UMA ANÁLISE DO CRITÉRIO SCHLEIERMACHERIANO DE INTERPRETAÇÃO DAS OBRAS DE PLATÃO

*Dennys Garcia Xavier**

RESUMO

F. E. D. Schleiermacher (1768-1834) foi o criador do método interpretativo das obras de Platão cujo influxo praticamente determinou o modo como os platonizantes cunharam e desenvolveram a moderna imagem do filósofo ateniense. Não obstante isso, o paradigma hermenêutico schleiermacheriano suscita numerosos problemas quando confrontado com a crítica que Platão dirige à escritura, contida na parte final do *Fedro* (274b - 278e) e no *excursus* filosófico da *Carta VII* (340b - 345c), bem como com a *tradição indireta* colhida em alguns excertos escritos por discípulos do ateniense e por filósofos posteriores. O que pretendemos demonstrar neste artigo é que a convicção schleiermacheriana da autonomia da palavra escrita acabou por condicionar o pensamento platônico num arcabouço conceitual que lhe é estranho e que, portanto, não pôde oferecer dele uma imagem historicamente fidedigna e filosoficamente adequada.

Palavras-chave: hermenêutica, platonismo, escritura.

ABSTRACT

F. E. D. Schleiermacher (1768-1834) was the creator of the Plato's interpretative method whose influence has determinated the scholar's way of thinking the modern image of the Athenian philo-

* Mestrando em Filosofia Antiga pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

sopher. Nevertheless, the tools of Schleiermacher's hermeneutical model raise doubts when faced up with the censure which Plato addresses to the writing in the final part of *Phaedros* (274b - 278e) and in the philosophical *excursus* of the *VII Letter* (340b - 345c), as well with the indirect tradition extracted from some fragments written by Athenian's disciples and posterior philosophers. The point we intend to demonstrate in this article is that schleiermacherian's conviction which sustains the thesis about the autonomy of the written word has tied up the platonical thought in a strange framework that is not able to offer a reliable image, philosophical and historically solid.

Keywords: hermeneutics, platonism, writing.

a) Sobre as duas tradições comunicativas da filosofia de Platão

Hoje, pode-se ter como certa a existência de duas tradições comunicativas do pensamento de Platão: uma *direta* (aduzida dos diálogos e das Cartas) e uma *indireta*, fixada por alguns de seus discípulos — entre os quais Aristóteles, figura de forma emblemática — e alguns filósofos de gerações posteriores (Simplicio e Alexandre de Afrodisia, por exemplo). Diversamente do que parece ocorrer com praticamente todos os outros filósofos da Antigüidade, entretanto, a tradição indireta referente a Platão não é apenas um compilado doxográfico que tem por objetivo a explanação e o comentário de temas já tratados nos escritos do filósofo, sejam eles perdidos ou não¹: ela é na verdade um conjunto de fragmentos com anotações e comentários sobre uma doutrina supostamente reservada a exposições orais, discutida e aperfeiçoada por Platão e seus discípulos no interior da Academia e não registrada — ou

¹ REALE, G. *Il "Platone Italiano" di Hans Krämer. In: KRÄMER, H. Platone e i fondamenti della metafisica: Saggio sulla teoria dei Principi e sulle dottrine non scritte di Platone con una raccolta dei documenti fondamentali e bibliografia.* Milano: Vita e Pensiero, 2001, p. 16.

registrada apenas de maneira sub-reptícia e elíptica — nos diálogos². Ignorada ou subvalorizada por séculos de estudos dedicados ao ateniense, a tradição indireta passou a ser — após a consolidação em plano mundial do paradigma hermenêutico da *escola de Tübingen-Milão* e ainda que submetida a um sem-número de polêmicas — ferramenta indispensável para o pesquisador que, comprometido com os critérios científicos mais basilares, não abre mão de todas as fontes legítimas de informação a respeito do objeto sobre o qual se debruça³.

A despeito do que afirmam alguns críticos, julgamos não haver razão para supor que a tradição indireta platônica seja mais (ou menos) difícil de fixar do que a doxografia referente a outros pensadores que nada ou muito pouco escreveram — ainda que ela estivesse em piores condições do que está (pois se encontra em ótimas condições).

Ademais, parece-nos perfeitamente razoável inferir que ou se deva aceitar a doxografia enquanto forma autêntica de recuperar e pôr a salvo parte importante do pensamento e da história de todos os pensadores que dela dispõem ou se lhe deva negar, também para todos, e com mesmo rigor, a validade científica. Quem consi-

² Como se depreende da leitura do *Fedro* (274b - 278e) e da *Carta VII* (340b - 345c), Platão teve precisas razões metodológicas e teóricas para não registrar por escrito parte fundamental da sua filosofia; contudo, sem suas *lições doutrinárias* nos arriscamos a pensar sua filosofia sobre bases metodológicas frágeis e de construir a imagem de um *Platão filósofo* que não corresponde àquela que historicamente parece ter existido. Cfr. Gaiser, 1994, p. 7.

³ A primeira obra a adotar completamente o novo paradigma hermenêutico (ou “paradigma alternativo”) foi aquela de Krämer, H. *Arete bei Platon und Aristoteles*. Heidelberg, Carl Winter, 1959; por sua vez, a obra principal de Gaiser é *Platons ungeschriebene Lehre*. Stuttgart, Klett Verlag, 1963. Mais recentemente, Reale publicou a obra mais completa sobre o tema — com uma extensa publicação das conclusões da *escola de Tübingen* mais uma análise exegética de alguns dos Diálogos mais importantes de Platão, sob nova chave hermenêutica —, a *Per una nuova interpretazione di Platone: Riletura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle “Dottrine non scritte”*, Milano, Vita e Pensiero, 1991. Tanto Krämer quanto Reale continuam a publicar uma série de estudos sobre Platão e o novo paradigma hermenêutico; Gaiser também o fez até maio de 1998 quando foi colhido pela morte.

dera plausível que a pesquisa histórico-filosófica fundada sobre uma base doxográfica tenha sentido, não poderá, por via de consequência, decidir diversamente no caso de Platão (a não ser que tal base seja propositadamente afastada da pesquisa — o que, em todo caso, já foi feito — configurando assim um quadro da mais pura *desonestidade científica*). De mais a mais, o estatuto da tradição indireta de Platão evoca um grau de rigor e confiança que, por duas razões, supera o de todas as outras relativas a filósofos antigos (como a dos pré-socráticos e a de Sócrates, por exemplo): i) boa parte dela foi concebida por discípulos diretos do filósofo, participantes ativos da vida na Academia e completamente inteirados sobre o conteúdo das lições doutriniais do mestre e ii) pode-se estabelecer uma fecunda relação entre a tradição indireta e a extensa obra escrita de Platão, já que são várias as remissões dos diálogos ao não-escrito⁴.

É importante salientar por fim que da tradição indireta platônica não se extrai meramente uma doutrina *negligenciável*, *preparatória* ou *protréptica* para a leitura dos diálogos. Não se trata de um conteúdo acessório qualquer — como que um complemento em certo grau dispensável para a compreensão da filosofia do ateniense. A doutrina platônica extraída da tradição indireta não só possui um conteúdo bastante específico e singular como parece mesmo constituir o vértice metafísico fundador de uma concepção hierárquica da realidade que, nos diálogos, aparece sob um véu quando não aporético, ao menos de extrema problematicidade. Diga-se a este propósito que a superioridade dos discursos doutriniais aduzidos daquela tradição deve provir exatamente do objeto sobre os quais versam: os princípios supremos de toda a realidade (*ta peri physeos akra kai prota*)⁵. Tais discursos deixam entrever que toda a cosmologia pensada por Platão decorre de uma única oposição entre princípios suprafísicos: o Uno (hen) e a Díade Indefi-

⁴ KRÄMER, Hans. *La nuova immagine di Platone*. Napoli: Bibliopolis, 1986, p.p. 19-37.

⁵ GAISER, Konrad. *La dottrina non scritta di Platone: Studi sulla fondazione sistematica e storica delle scienze nella scuola platonica*. Milano: Vita e Pensiero, 1994, p. 7.

nida (aoristos dyas) ou Díade do grande-e-do-pequeno (mega kai mikron)⁶. Ao que parece, aos discípulos e amigos da Academia, Platão costumava afirmar que todas as coisas — as aparências e as Formas ideais — eram causadas, *em última instância*, por aquela bipolaridade prototípica. Seja isto verdade, a tentativa de uma explicação do mundo e de construção de uma ontologia deveria se basear, para Platão, na seguinte concepção de fundo: tudo o que existe deriva da tensão entre dois Princípios fundamentais, reciprocamente ativos e funcionalmente interdependentes. A confiar no testemunho da tradição indireta, as doutrinas inescritas remetem a um plano suprafísico metaideal — mencionado de forma elíptica nos diálogos — no qual o “Um” (*hen*) e a “Díade Indefinida (aoristos dyas) agem como princípios contrapostos causadores de toda a realidade: o primeiro princípio (“Um”) plasmando e produzindo unidade, estabilidade e duração, e o segundo princípio (“Díade Indefinida”) causando dissolução, multiplicação, instabilidade e transformação⁷. Deste modo, a pluralidade, a diferença e a gradação dos entes nasceriam da ação do *Uno*, que moldaria e determinaria o princípio oposto da *Díade*, ligado à multiplicidade absoluta.

Não é propósito deste texto tratar de algo tão amplo e complexo quanto os fundamentos textuais e as conseqüências epistemológicas das categorias filosóficas às quais nos referimos como lições doutrinárias de Platão, extraídas da tradição indireta. No entanto, afirmamos de antemão que não há da parte do paradigma hermeneúutico alternativo da *escola de Tübingen-Milão* — do qual obviamente assumimos a metodologia — a pretensão de *absolutizar* a importância daquela tradição em detrimento da outra (aduzida dos escritos platônicos), nem de defender o fim da leitura dos diálogos como fonte valorosa e essencial do pensamento platônico (e, por via de conseqüência, a extinção da exegese do Platão escritor). Ao contrário, o que se pretende desde o início é a recíproca e complementar coordenação entre aquelas tradições, tendo em vista não só uma clarificação de trechos polêmicos e de difícil exegese

⁶ Cf., sobre este ponto, Aristóteles, *Metafísica*, A 6, M, N, além de *Física I* 9.

⁷ GAISER, K. *Op. cit.*, p. 201.

de vários dos diálogos platônicos, mas também a construção de uma imagem mais completa e menos aporética da filosofia do ateniense tal como aduzida da leitura dos diálogos tomados como expressões autônomas e autárquicas do seu pensamento⁸.

b) Sobre Schleiermacher e a inadequação histórico-filosófica dos pressupostos hermenêuticos por ele elaborados⁹

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) foi, sem dúvida, um dos maiores platonizantes do século XIX. Especialista em hermenêutica, aplicou todo o seu vasto instrumental exegético à leitura dos diálogos platônicos, o que resultou na celeberrima tradução de 1804 do *Corpus platonicum* com introdução geral e comentários¹⁰. Não obstante sua fundamental importância para os estudos modernos dedicados a Platão, o aparato metodológico aplicado por Schleiermacher na interpretação daqueles textos estava amplamente determinado pelo que se pode denominar *situação espiritual*¹¹ do final do século XVIII e início do XIX na Alemanha, bem como pelo programa geral do primeiro romantismo germânico da mesma época. Consciente ou inconscientemente, Schleiermacher

⁸ GADAMER, Hans-Georg. *Dialogue and Dialectic: Eight hermeneutical studies on Plato*. Translated and with an introduction by P. Christopher Smith. Yale University Press, 1980, p. 129.

⁹ Aqui, é preciso esclarecer um ponto fundamental: não pretendemos justificar a adoção de um determinado método interpretativo por causa da falência de um outro meramente. Confrontar o método schleiermacheriano com o da *escola de Tübingen-Milão* demonstra onde aquele falhou e, por via de consequência, onde esse poderá aperfeiçoar os estudos sobre Platão (fazendo uso, inclusive, dos acertos do antigo paradigma), além de fazer justiça histórica com aquele que, não obstante seus equívocos, foi por quase dois séculos o critério hermenêutico *por excelência* dos textos de Platão.

¹⁰ SCHLEIERMACHER, F.D.E. *Platons Werke*, Berlim 1804-1828. A introdução à tradução dos diálogos de Schleiermacher foi traduzida para o português por Georg Otte (da qual citamos). SCHLEIERMACHER, F.D.E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

¹¹ KRÄMER, Hans. *Platone e i fondamenti della metafisica*. Introduzione e traduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 2001, p.p. 51-53.

acabou por assumir as premissas teóricas então vigentes e aplicou-as aos seus estudos sobre os diálogos, formalizando uma imagem do filósofo que, sozinha, praticamente dominou os estudos a ele dedicados nos séculos seguintes. Entre as premissas propugnadas pelo *proto-romantismo*¹² germânico – centrais para o Platão pensado por Schleiermacher – figura aquela que considerava a palavra grafada uma forma verdadeiramente autêntica e autárquica de expressão intelectual, única realmente capaz de exprimir a totalidade do pensamento de quem a utiliza. O princípio da autarquia do escrito (*sola scriptura*) – sobremaneira aplicado aos escritos bíblicos após a reforma do protestantismo – postulava que todo texto deve ser reduzido ao seu significado literal e compreendido por si mesmo (*sui ipsius interpres*), princípio que, com Schleiermacher, passou a ser aplicado à exegese dos textos de Platão contra a interpretação *neoplatônica* que até então prevalecia entre os platonizantes. Outra premissa teórica característica da concepção romântica na época de Schleiermacher concebia arte e filosofia sob um aspecto unitário e unívoco, de modo que todo escrito seria uma *forma d'arte* que deveria conter em si uma capacidade ideal de comunicação na qual conteúdo e método se ajustam por identidade (em especial no Platão literário, dado o caráter artístico exemplar de sua obra escrita). Tanto esta premissa como aquela foram utilizadas pelo exegeta na sua tentativa de projetar uma versão “atualizada” de Platão, em pleno acordo com as concepções hermenêuticas contemporâneas a ele. Tais concepções fizeram com que Schleiermacher – e vários outros depois dele – investigasse Platão a partir de um instrumental exegetico anacrônico e estranho

¹² Não concordamos com o juízo de Krämer segundo o qual a hermenêutica de Schleiermacher estava também condicionada pelo Idealismo alemão do século XVIII; nada há numa leitura atenta da *Introdução* geral dos diálogos que possa sugerir esta possibilidade. Talvez isto seja verdade para Schlegel que, originariamente, concebeu a idéia de verter os diálogos platônicos para o alemão (mas que abandonou o projeto, que seria compartilhado com Schleiermacher, deixando para este último todo o trabalho). Cf. KRÄMER, H. *Op. cit.*, p.p. 57-72 e, do mesmo autor, *Il paradigma romantico nell'interpretazione di Platone*. Napoli: Istituto Suor Orsola Benincasa, 1991.

ao ateniense, como se o monopólio da obra escrita fosse, para o Platão histórico, um ponto de partida seguro e legítimo, em consonância com o seu ideal de prática pedagógica. Em linhas gerais, então, podemos expor assim as categorias fundadoras daquele paradigma (*critério tradicional* de interpretação das obras platônicas):

a) para Schleiermacher, o método segundo o qual Platão expõe sua filosofia é inseparável do seu conteúdo e, por esta razão, *comunicação filosófica* e *conteúdo filosófico* – em especial no caso de Platão – coincidem totalmente¹³;

b) Schleiermacher afirma que o diálogo literário de Platão é a forma de comunicação filosófica por excelência: é uma *forma d'arte* na qual método e conteúdo, forma e matéria estão completamente fundidos. Por isso, uma adequada compreensão do diálogo deve resultar também numa adequada compreensão de *tudo* o que o ateniense pensou¹⁴;

c) de acordo com o schleiermacherismo, a filosofia platônica se resolve totalmente no âmbito da palavra escrita e, por esta razão, qualquer tipo de tradição doxográfica referente aos textos de Platão ou são conteúdos negligenciáveis ou são cronologicamente limitados e, por via de conseqüência, de pouca importância filosófica¹⁵.

O esquema acima evidencia a convicção schleiermacheriana segundo a qual o texto deve ser sempre analisado dentro dos limites

¹³ Em sua *Introdução* aos diálogos, Schleiermacher reclama do tratamento que alguns intérpretes deram a alguns textos do filósofo e do “quão levemente eles tratam a relação do conteúdo com a forma, tanto no detalhe quanto no todo”. SCHLEIERMACHER, F.D.E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002, p. 31.

¹⁴ Nas palavras de Schleiermacher: “Estabelecer a união natural dessas obras [os diálogos] visa mostrar que elas se desenvolveram como exposições cada vez mais completas das idéias de Platão, a fim de que – na medida em que cada diálogo não deve ser compreendido apenas como um todo para si, mas também em contexto com os outros – o próprio Platão seja compreendido como filósofo e artista”. SCHLEIERMACHER, F.D.E. *Op. cit.*, p. 41.

¹⁵ Para Schleiermacher, não deve ter havido nenhuma diferença significativa entre o conteúdo dos diálogos e o que se encontra em “outros ensinamentos perdidos ou talvez orais” de Platão. SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002, p. 39.

traçados *no e pelo* escrito e, por via de conseqüência, exaurido em sua significação dentro de tais limites. Alegorias, analogias, anagogias e aforismos devem ser todos reduzidos a uma unidade semântico-estrutural derivada da compreensão literal do registro grafado e nunca para além dele (por esta razão, de acordo com o paradigma hermenêutico tradicional, a compreensão da filosofia platônica passa inexoravelmente pela compreensão da forma na qual vem acondicionada). Além disso, a crença numa filosofia platônica totalmente resolvida dentro da obra literária do pensador deve afastar para bem longe qualquer tipo de complemento não proveniente dos seus textos, devendo ser ou assimilado pelos operadores do critério hermenêutico em questão ou, em última instância, rechaçados por eles. Por isso mesmo, é natural que a convicção moderna que atribui ao diálogo de Platão uma eficácia comunicativa *por excelência* acabou por eclipsar o que talvez haja de mais fundamental no seu pensamento; aquela parte que, graças a um instrumental metodológico inadequado, permaneceu por séculos à margem dos estudos especializados na sua filosofia: suas lições reservadas à oralidade. Não por outra razão, o juízo segundo o qual forma e conteúdo, filosofia e forma artística se ajustam *por identidade*, no caso específico de Platão, é um erro histórico que deve ser reparado.

De forma emblemática, então, pode-se dizer que o critério interpretativo adotado por Schleiermacher aplicado aos textos de Platão (*critério tradicional*), funda-se, erroneamente como veremos, no seguinte silogismo¹⁶:

a) o escrito é a principal fonte de expressão de qualquer pensador, em particular de Platão, dotado de indiscutível talento no trato com as palavras;

b) todos os escritos do ateniense, considerados autênticos pela tradição, chegaram até nós, caso raro em se tratando dos autores da Antigüidade Clássica;

¹⁶ REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 1997, p. p. 23-25.

c) portanto, admitindo-se os termos apresentados pelo critério em questão, conclui-se que há condições seguras para extrair *tudo* o que Platão pensou porque se tem *tudo* o que escreveu.

c) Sobre o significado do termo *sungramma* nos diálogos de Platão

A pretexto de acomodar seu instrumental exegético com os escritos platônicos, Schleiermacher esboça até mesmo uma teoria positiva do diálogo literário, a partir de uma interpretação muito própria – e meramente intuitiva – do termo *sungramma* que aparece em algumas passagens do diálogo *Fedro* (341c-344c) e na *Carta VII* de Platão (esta última, ao contrário do que provam os mais rigorosos e decisivos estudos filológicos, considerada espúria por Schleiermacher e por alguns poucos de seus seguidores)¹⁷. A bem da verdade, a crítica ao escrito contida na parte conclusiva do *Fedro*¹⁸, se devidamente considerada, torna inviável qualquer pretensão de se atribuir àquela espécie de registro uma autonomia absoluta enquanto forma de comunicação filosófica e revela, por escrito, o verdadeiro juízo do Platão histórico acerca dos problemas evocados pela comunicação grafada e, diversamente disso, os benefícios do ensino em forma dialógica mantido no âmbito da oralidade dialética. Evidentemente, Schleiermacher e seus seguidores tentaram harmonizar a censura do *Fedro* com o arcabouço teórico do critério tradicional defendido por eles, e o fizeram, no mais das vezes, segundo os seguintes argumentos¹⁹:

¹⁷ Aqui não fazemos referência sistemática ao conteúdo da *Carta VII* porque resolvemos nos poupar da tarefa de estudarmos, nesta sede, os motivos apresentados pelos que defendem, por um lado, a sua autenticidade e, por outro, sua não-autenticidade. Vale ressaltar, entretanto, que a autenticidade da *Carta VII* – após o trabalho de Wilamowitz-Moellendorf – é praticamente uma *communis opinio* entre os especialistas (por isso, as conclusões sobre o uso do termo *sungramma* em Platão são, *a fortiori*, válidas para o seu uso na *Carta VII*) Cf. REALE, G. *Op. cit.*, p.p. 71-72.

¹⁸ Platão, *Fedro*, 274b – 278e.

¹⁹ REALE, G. *Para uma nova interpretação de Platão*. São Paulo, 1997, p.p. 66-67. KRÄMER, H. *Platone e i fondamenti della metafisica*. Milano: 2001, p.p. 37-38.

a) a crítica do *Fedro* não deve recair sobre os textos de Platão já que o termo *sungramma* refere-se, especificamente, a um tipo de escrito na forma de “tratado”, ou ainda, na forma de “compêndios doutrinários”; assim, Platão deve ter reproduzido da maneira mais fidedigna possível os colóquios orais nos diálogos escritos – já que a crítica não recai sobre os escritos da natureza dos diálogos – e, portanto, não há nenhum conteúdo das lições orais que não seja também contemplado pelos seus escritos;

b) parte dos diálogos de Platão é *fidel reprodução* das lições doutrinárias porque o filósofo estabeleceu tal correlação no binômio *modelo-imagem* – respectivamente oralidade e escrita – no qual o termo *eidolon* se apresenta com um estatuto diferenciado, significando mesmo uma imagem nítida e de mesmo estatuto em relação ao *modelo* estabelecido no plano da oralidade²⁰.

Em resposta a tais argumentos, entretanto, temos que o termo *sungramma* é utilizado por Platão – tanto no *Fedro* (274b - 278e) quanto na *Carta VII* (340b - 345c) – de maneira genérica e ampla e, por isso, faz referência ao escrito *em geral*, sem nenhum tipo de remissão a algum modo específico dele. Para Szlezák, por exemplo, se o termo *sungramma* é utilizado por Platão com algum tipo de especificidade, esta estabeleceria, no limite, uma diferença entre os escritos em prosa (com todas as suas variantes) e o escrito composto na forma de poema (e portanto a crítica à escritura continua recaindo sobre os próprios diálogos)²¹. O fundamento desta distinção, afirma Szlezák, decorre do fato que o “poetar”, a “poesia” e o “poeta” nunca venham indicados com os termos *sungrafein*, *sungrafeos* e *sungrammata* (*sungrafai*, em suma), mas sempre com palavras como *aeiden*, *aoidos*, *iambos*, bem como, *poien*, *poietés* e *poiema*. Por isso, Platão certamente pôde, na composição de seus textos, adotar

²⁰ SZLEZÁK, T. A. *Platone e la scrittura della filosofia. Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce di un nuovo paradigma ermeneutico*. Introduzione e traduzione di G. Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1992, p. 58. Ver também KRÄMER, *Op. cit.*, p. 37 e REALE, *Op. cit.*, p. 66.

²¹ SZLEZÁK, T. A. *Platone e la scrittura della filosofia. Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce di un nuovo paradigma ermeneutico*. Introduzione e traduzione di G. Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1992, p. 463.

sungramma com um sentido geral, e não como um texto necessariamente “sistemático doutrinário” no qual um certo conteúdo venha tratado de forma completa e ordenada. O motivo para se atribuir a *sungramma* o estatuto de escrito completo ou tratado, diz Szlezák, deriva de uma interpretação errônea do prefixo *sun-* em *sungrafein*: o “escrever-junto” (*con-scribere*, *com-pôr* por escrito) como um compor segundo aspectos bastante precisos e segundo um ponto de vista determinado (um escrito de caráter sistemático, portanto)²². No entanto, no grego o prefixo *sun-* nas palavras *sungrafo*, *sungrafeos*, *sungrafé* e *sungramma* ilustra *todo* tipo de composição por escrito, sem nenhum tipo de referência à ordenação intrínseca do texto e, por via de consequência, da estrutura na qual são distribuídas as palavras. Neste mesmo horizonte, para Krämer, Schleiermacher parece não ter percebido o desnível de plano e o hiato metodológico existente entre o discurso escrito e o discurso dialético oral em Platão, que fazem do diálogo literário, em primeiro lugar, um *escrito* e só depois, e em menor grau, um *diálogo* (ademais, não faltam documentos que se dirijam aos textos de Platão como *sungrammata*, restando aos defensores do mito do escrito platônico autárquico aduzir prova em sentido diverso)²³.

No que diz respeito ao segundo argumento aduzido pelos críticos, o binômio *modelo-imagem*, estabelecido por Platão no próprio *Fedro* (274b – 278e), de modo algum autoriza um nivelamento funcional entre o discurso falado e o discurso escrito: na verdade, *eidolon* ali é utilizado de forma pejorativa, claramente negativa (no sentido fraco de “imagem”) e evidencia a palavra grafada como uma sombra que em nada pode ser comparada com o *original* falado do qual ela é *cópia*.

²² Cf. PERINE, Marcelo. O significado de “Sungramma” na interpretação da escola platônica de Tübingen. Síntese Revista de Filosofia. Nº 99, (2004), p.p. 5-12.

²³ KRÄMER, H. *Platone e i fondamenti della metafisica*. Introduzione e traduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 2001, p.p. 36-37. São fontes que se referem aos escritos de Platão como *sungrammata*, entre outras: Isócrates, X, 9-11; Platão, *Carta VII*, 314c; Diógenes Laércio, III, 37; Proclo, *In Platonis Alcibiadem*, p. 308, 24 e 33 Cousin; Filon de Alexandria, *De aeternitate mundi*, 15 apud SZLEZÁK, T.A. *Platone e la scrittura della filosofia*. Milano, Vita e Pensiero, 1992, p. p. 466-467.

Um outro argumento utilizado por Schleiermacher na defesa da exegese que então inaugurava dava conta de que, se Platão pretendeu algum dia afastar as almas ineptas do conteúdo mais importante da sua filosofia, ele o fez pelo modo em que conduziu cada obra desde o início, fazendo com que o leitor “fosse obrigado à geração interior própria do pensamento intencionado, ou então, a entregar-se, de modo bem claro, à sensação de não ter encontrado nada e de não ter compreendido nada”²⁴. De acordo com tal juízo, as “supostas” doutrinas não-escritas de Platão não teriam nada de substancialmente diferente daquilo que, de uma maneira ou de outra, encontramos na letra dos diálogos e, por isso mesmo, seriam completamente dispensáveis. Assim, conclui Schleiermacher, “esse é o único sentido no qual se poderia falar aqui [em Platão] do esotérico e do exotérico, isto é, no sentido de que estes apenas apontam para uma qualidade do leitor, dependendo do fato deste elevar-se ou não à condição de um verdadeiro ouvinte interior (...)”²⁵. Obviamente, nenhuma dessas conclusões pode ser aduzida de uma freqüentação razoável do excerto final do *Fedro* ou de qualquer outro texto atribuído a Platão. Trata-se de uma extrapolação conveniente das palavras escritas pelo filósofo as quais, curiosamente, Schleiermacher pretende honrar mais que tudo. Tanto no *Fedro* quanto na *Carta VII* encontramos notícias muito evidentes de uma censura platônica à forma escrita de comunicação filosófica e, por via de conseqüência, alusões bastante significativas a um saber oral (esotérico) não disponível a um simples leitor dos diálogos.

Insistimos, no entanto, que a adoção do novo critério hermenêutico não deve substituir, sob nenhuma hipótese, a freqüentação direta e cuidadosa dos diálogos escritos que, em termos *conteudísticos* – quantidade e variação de temas –, são muito mais ricos do que todo o conteúdo das doutrinas orais (ainda que estas sejam o vértice do sistema filosófico de Platão – em termos qualitativos

²⁴ SCHLEIERMACHER, F.D.E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002, p. 44.

²⁵ SCHLEIERMACHER, F.D.E. *Op. cit.*, p. 45.

e não quantitativos, portanto)²⁶. Além disso, levando-se em justa consideração os *autotestemunhos* de Platão – sobre os limites da palavra escrita –, os diálogos reaparecem com uma duplicidade funcional que remontam aos seus desígnios mais primordiais: têm, em função da sua forma literária, um estatuto *protréptico* na relação com a Academia (preparar o discípulo para a parte mais importante da filosofia de Platão, exposta no plano da oralidade) e um outro *rememorativo*, de imitação das lições dialéticas orais estabelecidas na comunhão entre mestre e discípulo, para aqueles que já intuíram a verdade (ou que se encontram próximos disso) para além dos escritos, mas que os utilizam também como recurso *mnemônico*²⁷.

Contudo, se o paradigma hermenêutico de Schleiermacher desconsidera parcial e, por vezes, completamente, os *autotestemunhos* contidos no *Fedro* e na *Carta VII* (nos quais Platão vai justamente de encontro ao sustentáculo daquele critério hermenêutico) como explicar o monopólio exercido por tanto tempo pelo paradigma tradicional?

A resposta é de Giovanni Reale: “A idade moderna é a expressão mais típica de uma cultura globalmente fundada sobre a escritura, considerada como *medium* por excelência de toda forma de saber”²⁸.

Foi neste clima da preeminência da escrita que o critério hermenêutico tradicional foi concebido e difundido; por essa razão, não é propriamente anômalo o fato de que tantos estudiosos tenham descurado os testemunhos de Platão, ignorando-os – ou limitando-os fortemente – a partir de uma expectativa de interpretação fundada apenas nos escritos. Um arcabouço metodológico concebido de acordo com premissas metafísicas tão determinadas e historicamente condicionadas não poderia fazer outra coisa senão tentar

²⁶ KRÄMER, H. *Platone e i fondamenti della metafisica*. Introduzione e traduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 2001, p. 21.

²⁷ GAISER, Konrad. *La dottrina non scritta di Platone: Studi sulla fondazione e sistematica e storica delle scienze nella scuola platonica*. Milano: Vita e Pensiero, 1994, p.p. 11-12.

²⁸ REALE, G. *Op. cit.*, p. 41.

afastar em bloco toda notícia anômala ao sistema — o que foi feito, com sucesso significativo, durante pelo menos dois séculos. É preciso ressaltar, no entanto, que, em alguns momentos, Schleiermacher parecia ficar confuso com aquele modo de ler Platão que ele mesmo havia criado, sem saber, por exemplo, se aceitava parcialmente ou negava totalmente a tradição indireta e a crítica ao escrito contida no *autotestemunho* do *Fedro*²⁹. Prevaleceu, não obstante isso, a supervalorização do seu critério hermenêutico e negação de qualquer conteúdo esotérico na filosofia platônica.

d) Sobre a repercussão do paradigma schleiermacheriano em parte da fortuna crítica posterior

Como dissemos acima, a metodologia criada por Schleiermacher foi amplamente adotada nos séculos subseqüentes e, com isso, ganhou novos contornos, argumentos de defesa e se difundiu maciçamente no meio acadêmico especializado em Platão. De forma emblemática, E. Zeller, discípulo de segunda geração de Schleiermacher e responsável pelo completo desenvolvimento das teses do mestre. No seu *Filosofia dei Greci*³⁰, de 1839, afirma serem as doutrinas não-escritas de Platão adaptações tardias ou resultado de compreensão inadequada de Aristóteles — principal fonte doxográfica das lições orais de Platão — na leitura dos diálogos. A posição de E. Zeller, amplamente assumida pela grande maioria dos pósteros, acabou por colocar em segundo plano a teoria dos princípios de Platão e por muito tempo não encontrou resistência significativa. Assim Krämer elenca pontos assumidos por Zeller diretamente de Schleiermacher³¹:

a) Zeller reconhece a “forma de arte” do diálogo literário de Platão;

b) refuta qualquer conteúdo “esotérico” no platonismo e, por

²⁹ KRÄMER, H. *Op. cit.*, p. 47.

³⁰ ZELLER, E. *Platonische Studien*. Tübingen, 1839, p. 300 *apud* KRÄMER, H. *Op. cit.*, p. 82.

³¹ KRÄMER, H. *Op. cit.*, p. 84.

via de consequência, não admite a autenticidade da *Carta VII*;

c) as supostas doutrinas não-escritas de Platão são anomalias se comparadas com a totalidade do *Corpus platonicum* e, por isso, não devem ser consideradas seriamente.

Também Harold Cherniss, definitivamente o crítico mais ferrenho da exegese tuinguense, oferece seu quinhão de críticas à “hipotética” existência de uma tradição indireta em Platão. Ele afirma serem os testemunhos aristotélicos fruto dos anos de senectude do Estagirita e que, por isso, não deveriam ser tomados em consideração, sob pena de se aniquilar com o *pano de fundo* estrutural que confere unidade aos textos³². Para Cherniss, os diálogos são auto-suficientes e os jogos, imagens e mitos encontrados neles são meramente estímulos de Platão para que o leitor, por si só, fosse capaz de produzir uma reflexão própria³³. No rastro de Schleiermacher, Cherniss afirma ser cada escrito platônico um complexo dramático no qual cada passagem está, por sua vez, em íntima relação com o todo e que, só conhecendo esta íntima relação estrutural entre as partes e o todo, o verdadeiro sentido da obra platônica poderia vir à luz³⁴.

A descrença com o novo paradigma foi compartilhada ainda por uma série de outros platonizantes, entre eles, P. Shorey³⁵ – mestre, em segundo grau, de Cherniss – e W. K. C. Guthrie para

³² CHERNISS, Harold. *The Riddle of the Early Academy*. Berkeley-Los Angeles, 1945, p.p. 53 ss; tradução italiana, *L'enigma della Academia antica*, Florença, La Nuova Italia, 1974. Obviamente, nem Cherniss, nem a maior parte dos seguidores da teoria do diálogo artístico autônomo contam com a justificativa do condicionamento histórico que determinou a leitura de Schleiermacher. Suas raízes culturais não poderiam ser evocadas para justificar a anacronia dos pressupostos exegeticos que defendem.

³³ “O principal para ele [Platão] deve ter sido conduzir cada estudo desde o início e calculá-lo de maneira que o leitor fosse obrigado à geração interior própria do pensamento intencionado (...)”. SCHLEIERMACHER, F.D.E. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002, p. 44.

³⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Dialogue and Dialectic: Eight hermeneutical studies on Plato*. Translated and with introduction by P. Christopher Smith. Yale University Press, 1980, p.p. 124-129.

³⁵ SHOREY, P. *What Plato Said*. Chicago, 1933.

o qual uma *re-leitura* do platonismo, à luz das doutrinas inescritas, seria, entre outras coisas, “menosprezar seriamente” a contribuição dos diálogos ao *Corpus platonicum* e considerar a maior parte dos estudos especializados sobre Platão nos últimos dois séculos, “descartáveis e fundados sobre falsas premissas”³⁶. Mesmo alguns dos primeiros defensores da tradição indireta de Platão – como W. D. Ross³⁷ ou L. Robin³⁸, por exemplo – remetiam-na apenas aos *diálogos da velhice* e, por via de consequência, não postulavam sua autoridade para os diálogos intermediários e, menos ainda àqueles assim chamados *socráticos*. Entretanto, trabalhos de J.N. Findlay e da *escola de Tübingen* – desenvolvidos separadamente – demonstraram de forma bastante satisfatória que a tese genética da tardia datação das *ágrapha dogmáta*, se não é totalmente falsa, não se aplica aos diálogos intermediários pelo menos (e talvez não se aplique aos diálogos imediatamente anteriores à *República*). Além disso, estamos particularmente impressionados com a ousadia da hipótese defendida por Szlezák, que analisa a estrutura de todos os diálogos platônicos – inclusive os denominados *socráticos* – e tenta justificar praticamente todos os passos de omissão encontrados neles pressupondo o socorro esotérico oral dado pelo verdadeiro filósofo (tal como sugere o passo do *Fedro*, 278c-e).

Ao que parece, então, diferentemente do que pensam os estudiosos instruídos pelo critério schleiermacheriano, Platão, à sua época, tentava mediar o combate agônico de duas potências que, *a priori*, pareciam antepor-se: a da oralidade – há muito impregnada na estrutura social e cultural dos Helenos – e a da escrita, incipiente nas relações humanas mas que já ocupava espaço considerável na *Paidéia* do Homem grego³⁹. Discípulo imediato de

³⁶ GUTHRIE, W.K.C. *Historia de la filosofía griega*. Vol. IV. Madrid: Ed. Gredos, 1988, p. 440.

³⁷ ROSS, W.D. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford University Press, 1952; (em especial p.p. 142-143).

³⁸ ROBIN, Léon. *La théorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote*. Paris, Alcan, 1908.

³⁹ HAVELOCK, E. *Preface to Plato*. Cambridge Mass., 1963.

Sócrates, Platão intuiu a necessidade de registrar por escrito suas conclusões, mas, por outro lado, de respeitar o influxo da oralidade dialética do mestre. Aqueles que negam a validade científica da tradição indireta – e, conseqüentemente, a importância das doutrinas orais de Platão – ignoram o clássico preceito filológico segundo o qual é preciso integrar a totalidade do material disponível referente ao objeto que se investiga, a fim de formar uma imagem complexiva dele (preceito que, aliás, foi e continua sendo amplamente utilizado em trabalhos especializados sobre outros autores da Antigüidade). Não obstante isso, causa estranheza o fato de que os maiores defensores da autonomia da escrita em Platão se valham muitas vezes dos próprios diálogos do filósofo para diminuir a importância das *ágrapha dogmata*, numa espécie de heterogênesse das finalidades. Ora, se seu conteúdo decorre de uma confusão do texto escrito, então, *a fortiori*, os textos não podem ser autônomos e autárquicos para um estudo sério sobre Platão.

Conclusão

Antes que nos acusem injustamente de termos ficado apenas apresentando as “culpas” de Schleiermacher, rendemos, uma vez mais, culto ao notável avanço que o seu critério hermenêutico propiciou aos estudos modernos dedicados a Platão e, por via de consequência, à compreensão dos mais diversos conteúdos tratados nos escritos platônicos (mesmo que o respeito que temos por ele não se configure motivo suficiente para isentá-lo de uma leitura crítica e de um exame ponderado das suas limitações históricas e filosóficas). Sua *Introdução* geral aos diálogos é uma obra capital para os estudos modernos em Platão e não é sem motivo que, em pleno século XXI, ainda se invista tanto tempo e esforço ou em reafirmar seus postulados ou em refutá-los. Não por outra razão, sentimo-nos obrigados a dizer que não tratamos de assumir neste breve estudo nenhuma espécie de proselitismo – que algumas vezes criticamos entre os próprios schleiermacherianos – ou defender interesses exclusivísticos desta ou daquela vertente exegética (e experiências passadas legitimam a necessidade deste comentário). Infelizmente, a rixa

científica instalada entre os adeptos das escolas aqui referidas — *Tübingen-Milão versus Schleiermacherianos* — se tornou de tal forma acirrada que, por vezes, afastou para longe a justa análise dos argumentos e das articulações que as sustentam (o que, obviamente, deve ter causado prejuízo para uma compreensão mais adequada dos argumentos apresentados por ambas as escolas e, conseqüentemente, da própria filosofia de Platão)⁴⁰. Antes, se damos primazia a um instrumental oferecido por uma certa linha de pesquisa, é porque precisas e legítimas razões de caráter científico nos levam a fazê-lo — independentemente daqueles que, sem oferta de justo motivo ou por capricho pessoal, têm reservas meramente pessoais com relação aos autores de *Tübingen-Milão* ou com a via metodológica que eles inauguraram (reservas filosoficamente irrelevantes, portanto). Entendemos, que a busca por uma correta leitura da filosofia platônica deve pôr de parte as vaidades intelectuais daqueles que constróem os caminhos que a viabilizam e, por essa razão, tentamos fazer uso do que cada escola interpretativa pôde nos oferecer de melhor, sem dogmatismo ou pretensão de verdade monopólica. Não obstante isso, foi preciso um longo exercício crítico de exegese e de superação de um instrumental interpretativo já consagrado para que um paradigma alternativo hermenêutico da filosofia de Platão surgisse e desse conta daquela porção de problemas suscitados e não resolvidos pelo critério tradicional schleiermacheriano. O embate do paradigma alternativo contra a idéia largamente difundida de que o correto entendimento do Platão “autor” torna supérfluo todo conteúdo esotérico da sua filosofia, abre as portas para uma nova época de estudos sobre o pensador e nos apresenta um platonismo que, num sentido a ser mais bem trabalhado, nos remete para além da produção meramente literária do ateniense.

⁴⁰ Polêmico, quanto a este ponto, é o trabalho de Fernanda Caizzi, *Filologia, Filosofia e “nuovi paradigmi”*. In *marginè a un’edizione del Fedro di Platone*. In: *Rivista di storia della filosofia*, 53, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Física I-II*. Tradução e notas de Lucas Angioni. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.

_____. *Metafísica*. Edição bilíngüe estabelecida por Giovanni Reale (com tradução para o português de Marcelo Perine). São Paulo: Loyola, 2002.

CAIZZI, Fernanda. *Filologia, Filosofia e "nuovi paradigmi"*. In *margin e a un'edizione del Fedro di Platone*. In: *Rivista di storia della filosofia*, 53, 1998.

CHERNISS, Harold. *The Riddle of the Early Academy*. Berkeley-Los Angeles, 1945.

GADAMER, Hans-Georg. *Dialogue and Dialectic: Eight hermeneutical studies on Plato*. Translated and with introduction by P. Christopher Smith. Yale University Press, 1980, p.p. 124-129.

GAISER, Konrad. *La dottrina non scritta di Platone: Studi sulla fondazione e sistematica e storica delle scienze nella scuola platonica*. Milano: Vita e Pensiero, 1994.

GUTHRIE, W.K.C. *Historia de la filosofía griega*. Vol. IV. Madrid: Ed. Gredos, 1988.

HAVELOCK, E. *Preface to Plato*. Cambridge Mass., 1963.

KRÄMER, Hans. *Platone e i fondamenti della metafisica*. Introduzione e traduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 2001.

_____. *Il paradigma romantico nell'interpretazione di Platone*. Napoli: Istituto Suor Orsola Benincasa, 1991.

_____. *La nuova immagine di Platone*. Napoli: Bibliopolis, 1986.

PERINE, Marcelo. *O significado de "Sungramma" na interpretação da escola platônica de Tübingen*. Síntese Revista de Filosofia. Nº 99, (2004), p.p. 5-12.

REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

PLATÃO, *Fedro e Carta VII* (Edição crítica de J. Burnet, *Platonis Opera*, 5 vols., Oxford 1900-1907, muitas vezes reeditada).

ROBIN, Léon. *La theorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote*. Paris, Alcan, 1908.

ROSS, W.D. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford University Press, 1952.

SCHLEIRMACHER, F. D. E. *Platons Werke*, Berlim 1804-1828. Tradução da Introdução geral para o português de Georg Otte. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

SHOREY, P. *What Plato Said*. Chicago, 1933.

SZLEZÁK, T. A. *Platone e la scrittura della filosofia. Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce di un nuovo paradigma ermeneutico*. Introduzione e traduzione di G. Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1992.

Data de Registro: 23/09/04

Data de Aceite: 03/11/04